

Nem prêmio, nem castigo! A Educação Libertária na obra de Maria Lacerda de Moura

PATRÍCIA LESSA DOS SANTOS*

Resumo: Para os grupos e as pessoas envolvidas com o anarquismo a educação possuía um lugar central, tendo em vista que proporcionava uma crítica ao ensino burguês e religioso e, por outro lado, materializava sua própria concepção pedagógica através da criação de escolas autônomas e autogeridas livre da igreja e do Estado, bem como a produção de seus próprios materiais escritos, fundamentados em princípios de autonomia, de autogestão, de internacionalização e de ação direta. A coeducação de gêneros e de classes era vista como forma de trocas e como um recurso para o desenvolvimento das crianças e jovens. Não havia separação hierárquica entre o trabalho manual e intelectual, ambos deveriam servir como ferramentas para o aprendizado. Maria Lacerda de Moura foi uma educadora normalista que participou em várias frentes de trabalho escolar e viu nas teorias pedagógicas libertárias uma forma de escapar dos métodos tradicionais amparados no binômio prêmio-castigo. As teorias anarquistas tinham sólidas propostas sociais e culturais, o encontro e a amizade da educadora com Fábio Luz e José Oiticica possibilitou o estudo sobre as experiências pedagógicas de Paul Robin, Sébastien Faure e Francisco Ferrer y Guardia. Neste texto apresentamos algumas das ideias da autora sobre a Educação Libertária apresentadas em livros e cartas. A crítica aos modelos adotados na escola oficial brasileira e as novidades educacionais trazidas da Europa fizeram eco ao pensamento dela, que pode escrever e pronunciar palestras sobre um novo modelo educativo, pautado no respeito à individualidade da criança, bem como nas diferenças de classe, etnia ou gênero.

Palavras-chave: Educação Libertária; Maria Lacerda de Moura; Feminismo.

No prize, no punishment! Libertarian education in the work of Maria Lacerda de Moura

Abstract: For groups and people involved with anarchism education had a central place, considering that it provided a critique of bourgeois and religious education and, on the other hand, it materialized its own pedagogical conception through the creation of autonomous and self-managed schools free from church and state, as well as the production of its own written materials, based on principles of autonomy, self-management, internationalization and direct action. The co-education of genders and classes was seen as a form of Exchange and as a resource for the development of children and young people. There was no hierarchical separation between manual and intellectual work, both should serve as tools for learning. Maria Lacerda de Moura was a normalista educator who participated in several fronts of school work and saw in libertarian methods supported by the prize-punishment binomial. The anarchist theories had solid social and cultural proposals, the meeting and friendship of the educator with Fábio Luz and José Oiticica made it possible to study the pedagogical experiences of Paul Robin, Sébastien Faure and Francisco Ferrer y Guardia. In this text we present some of the author's ideas about Libertarian Education presented in books and letters. The criticism of the models adopted in the Brazilian official school and the educational innovations brought from Europe echoed her thinking, who can write and deliver lectures on a new educational model, based on respect for the individuality of the child, as well as differences in class, ethnicity or gender.

Key words: Libertarian education; Maria Lacerda de Moura; Feminism.



* **PATRÍCIA LESSA DOS SANTOS** é Doutora em História e Pós-Doutora em Letras; docente do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE/UEM).



Arte da Maria Lacerda: por Elisa Riemer

O prelúdio libertário em Maria Lacerda

Maria Lacerda de Moura tornou-se uma das escritoras libertárias mais peculiares do século XX, nasceu em 16 de maio de 1887 na Fazenda Monte Alverne, próxima de Manhuaçu (MG). Ela foi uma educadora mineira que escreveu uma vasta obra, envolvente e irônica, alicerçada em estudos e práticas revolucionárias para sua época. Foi normalista e atuou em escolas de Barbacena. Seus primeiros livros versaram sobre educação, sendo que o primeiro, *Em torno da educação* (1918), ela mesma criticou, anos depois, dizendo ser um livro “patriótico e burguês” (MOURA, 03 ago. 1929, p.3). Já o segundo, *Renovação* (1919), teve grande repercussão e abordou as questões da emancipação das mulheres, da religião e da educação, elaborando pensamentos que também foram articulados em outras obras. A organização das suas ideias, nesse segundo livro, marcou a preocupação com as assimetrias nas relações de gênero e com os desdobramentos da exploração capitalista e cristã na educação. Em

1921, ela mudou-se para São Paulo e, em 1925 escreveu, novamente, sobre a educação em *Lições de Pedagogia*.

Em Barbacena, típica cidade do interior mineiro, começou a perceber e se rebelar contra variadas formas de opressão e preconceitos. Na mesma cidade, participou ativamente da Campanha Barbacenense de Alfabetização, de obras de benemerência da cidade e começou a publicar seus escritos e realizar as primeiras conferências sobre educação e a condição das mulheres. Após a publicação do seu primeiro livro, *Em torno da Educação* (1918) ela foi convidada a realizar conferências em Juiz de Fora, Santos e São Paulo. Foi ainda em Barbacena atuando nas escolas tradicionais e no ensino formal que Maria Lacerda de Moura percebeu a diferença abismal entre as propostas pedagógicas do Estado, da igreja e as propostas revolucionárias dos grupos e de educadoras e educadores anarquistas. A educação foi central em sua vida e obra, ela atuou no ensino formal e informal e sobre a escola tradicional escreveu: “essa educação do Estado e da Sociedade é o maior atentado, o mais

inominável contra a dignidade humana” (MOURA, 1934, p.19).

Durante a sua atuação em colégios de Barbacena ela percebeu o papel acrítico do ensino nas escolas tradicionais e rompeu com a escola formal, dando início a uma nova fase em sua trajetória. Mudou-se para São Paulo, em 1921, local onde criou e publicou a *Revista Renascença*, voltada para a discussão da emancipação das mulheres. Entre os anos 1928 e 1937 foi viver em uma comunidade rural autogestionária, em Guararema, onde conviveu com desertores da primeira Grande Guerra. Nesta convivência com os anarquistas objetores de consciência, ela começou a escrever para alguns jornais da imprensa operária e avolumou uma obra com críticas ao capitalismo, ao fascismo, à religião e à guerra. Em Guararema ela ministrou aulas de português para as crianças filhas de franceses, italianos e espanhóis desertores da primeira Guerra Mundial. Foi onde ela dedicou um de seus livros ao educador libertário Francisco Ferrer y Guardia, sobre ele escreveu: “já é tempo de comemarmos Ferrer de outro modo. Não se educa com discursos. E, se as Escolas Modernas são fechadas pela polícia clerical, cada um de nós tem uma pequena escola moderna dentro do lar e... dentro de nós mesmos” (MOURA, 1934, p.19). Antes de viver entre os anarquistas ela já lia e estudava os modelos educacionais que estavam amplamente divulgados na imprensa anarquista, em livros e nas trocas de cartas com seus amigos Fábio Luz e com José Oiticica. Ela escreveu que José Oiticica viu nela uma “futura rebelde” após conhecer o livro *Em torno da Educação* (1918):

José Oiticica viu nele algo que lhe interessava sobre o ponto de vista de uma futura rebelde. Conheci-o através de larga correspondência. Veio para mim com as mãos cheias

de literatura revolucionária. Sorvindo aquilo e muito mais e dei um salto na minha evolução. A família alarmou-se. Novas lutas. Perdi o dogmatismo religioso espírita. Já era anticlerical (MOURA, 3 ago. 1929, p. 3).

Eles mantiveram contato e amizade até a morte dela em 1945, na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi um dos seus amigos que incentivou a leitura e o estudo sobre o pensamento anarquista. Ao escrever os primeiros trabalhos para os jornais locais e os primeiros livros ela conectou-se ao pensamento libertário demonstrando uma clara afinidade, embora tenha sido formada e tenha trabalhado nas escolas tradicionais, seus escritos demonstram sua conexão com a educação libertária. Em sua *Autobiografia* registrou que foi na escola de freiras onde ela estudou que conseguiu perceber “o espírito de classe, de casta e a injustiça com que os católicos estabelecem a diferença econômica [...] no desprezo e exploração para com os pobres, os humildes e os de cor” (MOURA, 03 ago. 1929, p. 3). Em 1892, ela começou a realizar o curso primário no externato do Asilo de Órfãos, dirigido por freiras, como seu pai era um homem culto e anticlerical, percebendo o perigo da doutrinação católica escolar, sugeriu a leitura e a tradução de obras de Maurice Lachâtre, Maria Lacerda tinha “então entre 10 e 12 anos de idade” (RODRIGUES, 1993, p. 67). Foi um início para o desenvolvimento do seu pensamento anticlericalista.

O anarquismo individualista e o pacifismo espiritualista

Ao escrever sobre a aproximação de Maria Lacerda de Moura com o pensamento anarquista é importante destacar que em momento algum declarou-se atea, mesmo tendo sido uma das escritoras que se destacou na crítica

ao clericalismo e às escolas religiosas. Entre pensadoras e pensadores de esquerda o dilema materialismo versus espiritualismo rendeu longos debates ao longo da história humana. Léon Tolstói foi um escritor russo que inspirou Maria Lacerda, sobretudo, pela sua visão pacifista e vegetariana. O anarquismo preconizou a crítica aos dogmas e muitas vezes foi associado ao ateísmo, por isso, “é possível afirmar que os vínculos de Lev Tolstói com o anarquismo não foram de identificação total. Tratou-se de uma relação tensa, que, sem dúvida, teve como resultado uma forma original, uma síntese particular: o anarquismo cristão” (ALBORNOZ, 2020, p. 56).

Para a escritora mineira o espiritualismo não significava a adesão a alguma religião ou crença, era algo mais sutil que envolvia uma busca individual em direção a libertação, por isso, via em Tolstói uma referência na crítica ao materialismo. Segundo Alborno (2020, p. 40): “O nome de Tolstói foi invocado a propósito de um sem número de temas: a medicina natural, o vegetarianismo, a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, o alcoolismo, a arte, o militarismo, a violência e, como era de supor, também o problema religioso”.

Na visão de Maria Lacerda de Moura a libertação era um caminho possível no horizonte de um mundo em chamas, por isso, a proposta do pacifismo e espiritualismo de Tolstói atravessou a obra dela. Ela lutou contra o fascismo e sobre o tema escreveu um grande volume de textos na imprensa nacional e internacional, além de alguns livros, tais como: *De Amunden a Del Prete* (1928), *Amai e... não vos multipliqueis* (1932), *Serviço militar obrigatório para mulher? Recuso-me! Denuncio!* (1933), *Clero e fascismo: horda de embrutecedores* (1933), *Fascismo: filho dileto da Igreja e do Capital* (1935),

Civilização: tronco de escravos (1931). Os dois últimos foram reimpressos pela Editora Entremares, respectivamente, em 2018 e 2020. A obra *Amai e... não vos multipliqueis* inicia marcando sua forma de perceber, sentir e viver as questões mais pungentes de seu tempo. As pessoas ligadas à direita com suas leis, códigos de conduta, cartilhas e dogmas religiosos e à esquerda com seus programas, partidos e apologia materialista criticavam a escritora mineira e não achavam onde enquadrá-la tendo em vista que ela nunca se identificou como materialista. Sobre a sua postura individualista, ela afirmou:

Não é de agora que exigem de mim um programa ou a ingressão “corajosa” em um partido.

Que me defina! Que sêe o meu nome com determinado rotulo, afim de que possa ter “autoridade”... Que carregue o peso de uma chapeta e o auxilio indispensavel de duas muletas sociais. Que me batise finalmente. Preciso completar-me. Fazer parte de um partido é ter amigos e defensores incondicionais. É estar, docilmente, servilmente, domesticadamente ao lado de alguém. É ter valor, portanto, é ter “autoridade”.

Despresar as muletas e os partidos é ser atacado por todos, é ser “voz isolada”, “voz única”, “irrefletida”, “despercebida” do rebanho social acarneirado no redil da imbecilidade e da covardia.

O “individualista da vontade de harmonia” não faz programa nem para si nem para os outros.

Com relação à minha vida interior, sei o que desejo, sei o que quero.

Com relação à vida social, sou anti-social, nem sei, nem me interessa saber. Destaco os indivíduos do bloco social. Em relação à sociedade, sei o que não quero.

A minha etica repele os partidos, os programas, toda a moral social (MOURA, 1932, p. 14).

O momento era de guerras e de conflitos sociais, mesmo diante das pessoas e dos grupos que cobravam de Maria Lacerda o ingresso em um coletivo ou partido, conforme a citação acima, ela deixava clara a sua postura individualista. O anarquismo individualista foi uma vertente muito forte no anarquismo francês, e o “não matarás” era um preceito seguido pelos individualistas a exemplo de George Chevé, que preferiu a prisão ao alistamento militar obrigatório. Sobre a prisão dele na França, ela escreveu um artigo intitulado *Guerra a Guerra* no jornal *O Combate* convocando as pessoas ao envio de cartas de solidariedade, registrou no artigo: “Não é com arma que se luta pela Liberdade” (MOURA, 19 nov. 1927, p. 7). As armas de Maria Lacerda eram a pena e a voz. Para os anarquistas individualistas e pacifistas aderir às guerras era uma forma de colaborar com a indústria bélica e com o patriotismo do Estado. E Maria Lacerda concordava afirmando que a sua pátria era o Universo (MOURA, [1931] 2020).

O anarquismo individualista aparece na obra lacerdiana, sobretudo, após o encontro dela com André Néblind. Em 1926, ela conheceu Néblind, através dele entrou em contato e acolheu a obra do anarquista individualista francês Han Ryner. Obra que causou grande impacto na vida e na produção de Maria Lacerda, que lhe trouxe, segundo suas palavras, “o desejo maior de uma purificação interior bem mais alta”, ela prossegue: “só agora senti o problema humano” (MOURA, 3 ago. 1929, p. 3). Han Ryner e Leon Tolstói influenciaram seus escritos e inspiraram a sua luta pacifista. Maria Lacerda escreveu o artigo *Sandino*, no jornal *O Combate*: “A violencia gera a violencia. [...] Forças antagonicas: dollar

e Liberdade [...]. A concepção da Liberdade está dentro das consciências e não poderá jamais sair das bocas dos canhões, fundidos pelos salteadores da dignidade humana” (MOURA [1929], 2019, p.7).

No livro *Amai e... não vos multipliqueis* (1932), Maria Lacerda deixa bem claro que não seguia um programa, em ressonância ao pensamento individualista, ela governava a si mesma. Alguns autores formaram os pilares que deram sustentação ao pensamento anarquista individualista, William Godwin e Max Stirner são duas importantes figuras para esta compreensão (LESSA, 2020). Hugues Lenoir nos ajuda a entender as nuances do anarquismo individualista, em seus livros *Educar para emancipar* (2018); *A comuna de Paris e a educação, James Guillaume: pioneiro de uma pedagogia emancipadora, Educação libertária. Educação crítica?* (2018). Com Perrine Gambart escreveu: *Os Anarquistas Individualistas e a educação (1900 - 1914)* onde afirmam que:

Se os individualistas anarquistas não implementaram experiências educativas significativas em coerência com os seus princípios ou se elas permaneceram desconhecidas, os preceitos e as reflexões pedagógicas que eles desenvolveram e preconizaram são próximos, para não dizer idênticos, àqueles das outras correntes (LENOIR; GAMBART, 2018, p. 63).

As propostas anarquistas ao redor do mundo fomentavam os diálogos transnacionais à medida que pretendiam romper as fronteiras do Estado e, portanto, da pátria. No Brasil, recém egresso da escravidão, a industrialização, a urbanização e o trabalho remunerado nas lavouras não tardou a ser visto com bons olhos pelo

povo europeu e de outros locais. Anarquistas de vários lugares chegavam ao Brasil, cuja promessa de prosperidade, ocupando postos de trabalho nas cidades em crescimento e nas lavouras de grande extensão, iniciavam um novo momento em terras brasileiras. A libertação era a bandeira revolucionária e a chegada de anarquistas da Europa fortalecia as trocas de ideias e experiências.

Entre meados do século XIX e início do século XX a Educação Libertária ganhou bases sólidas ancoradas em experiências pedagógicas em vários países. O livro *Escritos sobre Educação e Geografia* (2011), publicado pela editora Terra Livre, reúne textos de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin. Em uma carta à Francisco Ferrer, Kropotkin escreveu:

Em último termo haverá de se recorrer ao ensino integral; ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais fala ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se. Chegará a ensinar-se a todos o fundamento de todos os ofícios, o mesmo que todas as máquinas, trabalhando (segundo certos sistemas já elaborados) sobre o banco e o torno, modelando a matéria bruta, fazendo por si mesmo as partes fundamentais de todas as máquinas, o mesmo que as máquinas simples e as transmissões de força a que se reduzem todas as máquinas (KROPOTKIN, 2011, p.77).

A Escola Moderna, criada por Francisco Ferrer y Guardia chamou a atenção de pensadores e pensadoras ao redor do mundo. A proposta era inovadora, valorizava o trabalho intelectual e manual, praticava a coeducação de classe, gênero e etnia/raça, além de valorizar os saberes e modo de aprender das crianças e jovens. A proposta do catalão não tardou a chegar no Brasil,

logo chamou a atenção da educadora Maria Lacerda de Moura.

A educação libertária

No Brasil, não tardou para chegar a iniciativa voltada para uma educação libertária. Um dos amigos de Maria Lacerda de Moura foi o médico Fábio Luz um anarquista, médico, escritor, educador e membro da Academia Carioca de Letras. Uma de suas iniciativas mais interessantes foi a criação da Universidade Popular de Ensino Livre (UPEL), uma universidade nômade, fundada em 1904, em ação conjunta com o médico Martins Fontes e o historiador Rocha Pombo, além de outras pessoas. O ideário do grupo era compor um local para lazer, educação e cultura, além de atividades de formação para o ensino superior. Foi fechada no mesmo ano pelo Estado repressor. Dela participaram militantes anarquistas e socialistas, bem como literatos e intelectuais que tinham como foco organizar grupos de estudo, conferências, saraus e publicações possibilitando a troca e a circulação de ideias.

Entre os grupos anarquistas a educação possuía um lugar central, tendo em vista que proporcionava uma crítica à educação burguesa e religiosa e, por outro lado, materializava sua própria concepção pedagógica através da criação de escolas autônomas e autogeridas, bem como a produção de seus próprios materiais escritos, fundamentados em princípios de autonomia, de autogestão, de internacionalização e de ação direta. Nem prêmio, nem castigo era um preceito a ser seguido, guiando a criança e a juventude para a criatividade e para o pensamento crítico. O fazer era tão importante quanto o pensar. Para Maria Lacerda, a educação estava ligada ao autoconhecimento, ela escreveu:

“Conhece-te a ti mesmo” – “para aprenderes a amar” – é a Suprema Sabedoria, na escalada suprema em busca dos abismos de luz da nossa consciência profunda.

Cada um de nós tem o seu caminho, as suas verdades, a sua vida...

Que cada qual se ilumine a si mesmo e realizará o milagre sem par de iluminar, pelo exemplo, as veredas de todos os jovens corredores da lenda.

Só creio nessa educação...

Só creio nessa revolução (MOURA, 1934, p. 41).

Na citação acima retirada da obra *Ferrer, o Clero Romano e a educação laica*, Maria Lacerda deixou-nos uma pista sobre o alcance de sua busca, a revolução deveria começar pela manifestação subjetiva de libertação. A criação de jornais, revistas, textos literários e peças de teatro ajudava na atividade cultural e no despertar das consciências. Para isso, a educação formal e informal seria um modo de proporcionar as mudanças sociais necessárias, porém, sem a dependência financeira do Estado ou da igreja. As teorias anarquistas tinham sólidas propostas sociais e culturais.

Segundo Anne Steiner (2008), os grupos anarquistas individualistas defendiam uma vida boa, defendiam o prazer e a alegria estoica. Entre grupos libertários o prazer em aprender a fazer com as próprias mãos e não hierarquizar trabalho manual e intelectual estava entre seus preceitos. Na obra *Civilização: tronco de escravos*, Maria Lacerda de Moura ([1931] 2020) lembra que Tolstói não jantava antes de ter trabalhado na oficina, remontando sapatos. Outra questão que Anne Steiner ressalta é que as mulheres abandonam as roupas coercitivas, por exemplo, o espartilho, muito em voga nos círculos das mulheres burguesas. Apesar de

serem individualistas, era bem comum se agruparem em comunidades, sobretudo, vivendo na coletividade campesina, nos informa Rodrigues (1993). As ideias libertárias entravam em choque com as propostas educacionais do Estado e das escolas cristãs, voltadas para o distanciamento e separação por classe, gênero e etnia, privilegiando, com isso, as classes favorecidas e sobretudo os homens brancos.

A Escola Moderna, idealizada por Francisco Ferrer y Guardia, foi inaugurada em 8 de setembro de 1901, em Barcelona, com um efetivo escolar de 30 alunos: 12 meninas e 18 meninos. O programa pedagógico era embasado no conhecimento científico e em uma formação integral voltada à construção da autonomia e da liberdade. Em sua proposta a coeducação de classe e de gênero supunha uma troca favorável para o crescimento a partir das diferenças, ele escreveu: “a manifestação mais importante do ensino racional, dado o atraso intelectual do país, o que imediatamente poderia se chocar mais contra as preocupações e os costumes, era a coeducação de meninas e meninos” (FERRER Y GUARDIA, 2014, p. 45). Ele prossegue: “a coeducação de pobres e ricos, que põe em contato uns com os outros na inocente igualdade da infância, por meio da igualdade sistemática da escola racional, essa é a escola, boa, necessária e reparadora” (FERRER Y GUARDIA, 2014, p. 52).

As assimetrias de classe, etnia e gênero foram percebidas pela escritora mineira que se identificou de pronto com a obra do educador espanhol. Na obra *Renovação*, Maria Lacerda escreveu: “A co-educação é o meio único de elevar o nível moral das sociedades desvelando o mistério que envolve a questão sexual na ignorância da única razão de ser da vida, num eterno pesadelo do desconhecido e

do proibido” (MOURA [1919], 2015, p. 242). Para ela, as mulheres e os homens deveriam construir esse caminho emancipatório, como vemos na dissertação *‘Recuso-me!’ Ditos e Escritos de Maria Lacerda*:

O que Maria Lacerda define como essencial é o entendimento de que tanto os homens quanto as mulheres deveriam participar do mundo do trabalho e da vida doméstica. Essa livre transação seria saudável para a humanidade, para a realização humana (MIRANDA, 2006, p. 69).

Desde seus primeiros livros, ainda em Minas Gerais, a educadora libertária foi fazendo alianças com os anarquistas. Foi ainda em Barbacena que Maria Lacerda conheceu o intelectual libertário Fábio Luz e com ele trocou cartas, hoje disponibilizadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, dentro do acervo do Fundo Fábio Luz (PN.0.0.151). Ele, certamente, foi um dos incentivadores para as leituras e para a busca pelos estudos anarquistas na vida da educadora mineira. Em carta, datada de 18 de novembro de 1920, em Barbacena, ela escreveu:

Infinita gratidão por tão delicadas expressões e votos pela minha ascensão para a conquista libertária.

Não me assustei com a palavra Anarquia.

O meu coração já sentiu o que seja esse grande ideal.

Falta-me de fato qualquer coisa para eu me desapegar por completo de alguns tantos prejuízos talvez – como a crença em reformas burguesas segundo a sua expressão.

É que ainda não compreendi bem essa reviravolta necessária no mecanismo social.

[...] Em torno de mim vejo ou ouço as maiores barbaridades contra o ideal anárquico, barbaridades

pronunciadas por pessoas generosas, idealistas.

É que o tempo não soou para elas: é a ignorância, e não se ensina a criança à força o que o seu cérebro não pode conceber. É preciso jeito e tempo na obra educativa. O povo é como a criança (MOURA [18 nov. 1920], 2020, f. 1-2).

Graças a sua visão crítica e alma inquieta, ela rompeu com o trabalho nas escolas formais, largou o trabalho em Barbacena, o que já era considerado impróprio, pois, ela era uma mulher casada, separou-se do marido e foi viver em Guararema com André Néblind. Ele veio da França, e, como muitos outros desertores do serviço militar obrigatório, por seguirem o preceito do “não matará” se recusavam a matar ou morrer em nome do Estado. Na França já haviam acontecido algumas experiências educacionais, mesmo antes da proposta da Escola Moderna na Espanha, como por exemplo:

A Colmeia educa quarenta crianças de ambos os sexos.

Como elas chegaram a nós? – Ah! Da maneira mais natural e sem necessidade que as busquemos. Por situações interessantes em que se distinguiram ou por organizações e amigos que nos divulgam e nos recomendam.

Por desgraça, não são as crianças que faltam!

A situação dos trabalhadores é, muitas vezes, lamentável; a família operária está tão deploravelmente atingida pela doença, pela falta de trabalho, pelos acidentes ou pela morte; os conflitos internos destroem com frequência o meio familiar, brigas nas quais a criança é a vítima inocente, que cem Colmeias, mil Colmeias poderiam ser rapidamente povoadas de

pequenos a abrigar e a educar (FAURE, 2015, p. 69).

As experiências libertárias na França já eram conhecidas entre anarquistas de outros locais, como por exemplo, o trabalho e as ideias de Louise Michel. Outras mulheres tiveram importantes contribuições para a educação, porém, foram apagadas da história e são retomadas nos estudos contemporâneos, como por exemplo, da historiadora francesa Anne Steiner (2008), que escreveu sobre as libertárias Anna Mahé e Émilie Lamotte. Ambas, segundo a autora, criaram propostas pedagógicas alternativas às escolas tradicionais, visando um projeto emancipatório e uma visão crítica. As mulheres tiveram um papel importante na educação libertária, porém, seus nomes ficaram apagados em detrimento da divulgação das obras dos educadores.

Maria Lacerda de Moura e as mulheres pela educação libertária

As mulheres tiveram um papel importante na educação das crianças e jovens. No projeto educacional libertário alternativo, Anna Mahé e Émilie Lamotte, criticavam o modelo de punição e recompensa da escola oficial na França. Elas escreveram e apresentaram conferências, no início do século XX, propondo oficinas de ensino fora do contexto escolar para contrabalançar a influência perniciosa do ensino oficial e oferecer leituras e atividades criativas e críticas ao modelo então vigente (STEINER, 2008).

Rodrigo Rosa Silva (2021, *online*) no texto *Levantamento preliminar da presença feminina na Escola Moderna de Barcelona* encontrou um grande número de mulheres que contribuíram e construíram junto com Ferrer a Escola Moderna. Muitas delas escreviam sobre a coeducação de gênero e sobre a importância da educação para as

mulheres, outras tantas ministram aulas. As anarquistas reivindicavam, com isso, a emancipação intelectual e da classe trabalhadora. A educação tinha um papel importante na formação de uma consciência crítica e emancipada, ele escreveu:

A presença de tantas mulheres em funções centrais da escola e como articulistas de sua publicação periódica indicam a relevância que, tanto Ferrer quanto o grupo de militantes e educadores/as vinculados/as à Escola Moderna, deram ao papel da mulher na educação e na luta pela emancipação intelectual das mulheres e da classe trabalhadora. A busca pela igualdade entre homens e mulheres e o combate à todas formas de dominação surge como aspecto central a ser considerado em qualquer projeto anarquista de educação e a Escola Moderna aponta alguns caminhos para uma possível concretização desses ideais.

Além destas educadoras libertárias citadas, outras propostas apareceram ao redor do mundo contestando o modelo oficial fundado em princípios de repetição, obediência cega e medo, em que as avaliações eram realizadas como instrumento de premiação ou de castigo. As *Mujeres Libres* tiveram um papel importante na educação libertária, elas criaram uma revista que leva o mesmo nome do grupo, criaram oficinas e trabalho de formação voltadas à educação das mulheres. Sobre a revista, Margareth Rago (2017, p. 19) diz que, através do material impresso elas “puderam refletir sobre si mesmas e criar toda uma cultura feminista entre as militantes e simpatizantes do anarquismo”.

Emma Goldman foi uma das libertárias que esteve na Espanha e conheceu o trabalho das *Mujeres Libres*, e, embora

ela não tenha atuado como educadora, também escreveu sobre o papel da educação anarquista e, sobretudo, a importância da educação para a emancipação feminina. As feministas e anarquistas escreveram e vivenciaram experiências pedagógicas libertárias que proporcionavam novos horizontes para as mulheres que, naquela época, deveriam seguir rigorosas regras de conduta e ficarem circunscritas ao âmbito doméstico (LESSA, 2020).

Maria Lacerda de Moura viu na educação libertária uma forma de abrir os olhos das mulheres para que estas assumissem as rédeas de suas vidas, através da emancipação e libertação dos valores patriarcais, cristãos e capitalistas. Valores estes que desumanizavam as mulheres, vistas então como propriedade dos homens e à serviço da família burguesa, do Estado e da igreja. A educação das moças, em sua época, ainda, era restritiva, pois, favorecia a escravidão ao patriarcado e ao capitalismo. Ao espreitar o papel das mulheres na crítica ao patriarcado e ao capitalismo as anarquistas viram na educação libertária um caminho para a sua emancipação e colaboração para construção de novos valores sociais e culturais.

Para Maria Lacerda o ensino deveria pautar-se em princípios científicos e racionalistas, pois, como escreveu no livro *Renovação*, “o ensino racionalista combate a superstição e o dogma”, e, adiante, prossegue afirmando que “o ensino baseia-se na evolução natural da criança” (MOURA [1919], 2015, p. 246). Ela bebia em várias fontes para encontrar um modo peculiar e estudar a criança em formação escolar, para isso, ela relacionava a observação, psíquica, física e social para compreender como funcionava a cognição das crianças.

A crítica aos modelos adotados na escola oficial brasileira e as novidades educacionais trazidas da Europa fizeram eco ao pensamento de Maria Lacerda, que pode escrever e pronunciar palestras sobre um novo modelo educativo, pautado no respeito à individualidade da criança, bem como nas diferenças de classe, etnia ou gênero. O papel das mulheres na educação não estava circunscrito somente a libertação das mesmas, mas, sobretudo, fazia parte de um projeto maior, favorecia a necessidade de romper hierarquias e apontar caminhos para um novo horizonte de possibilidades. Nem prêmio, nem castigo, a proposta de Maria Lacerda era de uma educação emancipatória, crítica e libertária para todas as pessoas, independente do gênero, etnia ou classe.

Referências

- ALBORNOZ, Martín. O reino de Deus entre nós? Leitura de Lev Tolstói na imprensa anarquista de Buenos Aires (1900 – 1910). MARTINS, Angela Roberti (org.). *Escritores e textos libertários*. Rio de Janeiro: Editora Ayrán, 2020, p. 29-58.
- FAURE, Sébastien. *A Colmeia: uma experiência pedagógica*. Tradução: Antonio B. Canellas. 2.ed. São Paulo: Terra Livre, 2015.
- FERRER Y GUARDIA, Francisco. *A Escola Moderna*. São Paulo: Terra Livre, 2014.
- LENOIR, Hugues. *Educar para emancipar*. São Paulo: Imaginário, Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- LENOIR, Hugues. *A Comuna de Paris e a Educação. James Guillaume: pioneiro de uma pedagogia emancipadora. Educação libertária, educação crítica?* Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo, Intermezzo Editorial, 2018.
- LENOIR, Hugues; GAMBART, Perrine. *Os Anarquistas Individualistas e a educação (1900-1914)*. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo, Intermezzo Editorial, 2018.
- LESSA, Patrícia. *Amor & libertação em Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Entremares, 2020.

MIRANDA, Jussara Valéria. 'Recuso-me!' *Ditos e Escritos de Maria Lacerda*. 2006, 118f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

MOURA, Maria Lacerda. Autobiografia. *O Combate*, n. 5110, São Paulo, 3 ago. 1929, p. 3.

MOURA, Maria Lacerda. *Amai e... não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

MOURA, Maria Lacerda. Carta à Fabio Luz, Barbacena, 18 nov. 1920. *Cartas de Arquivo – 2 ed.* Fundo Fabio Luz – PN.0.0.151, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/br/ultimas-noticias/930-cartas-de-arquivo-2-edicao>. Acesso em: 29 mar. 2020.

MOURA, Maria Lacerda [1931]. *Civilização, tronco de escravos*. 2.ed. Organizadoras: Patrícia Lessa e Cláudia Maia. São Paulo: Entremares, 2020.

MOURA, Maria Lacerda. *Ferrer, o clero romano e a educação laica*. São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

MOURA, Maria Lacerda. Guerra a Guerra. *O Combate*. São Paulo, n. 4560, p. 3, 19 nov. 1927.

MOURA, Maria Lacerda [1919]. *Renovação*. Edição Fac-Simile, GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson; QUEIROZ, Camila (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2015.

MOURA, Maria Lacerda [16 jan. 1929]. Sandino. *O Borda*, São Paulo, n. 7, p. 2-3, jun. 2019.

RAGO, Margareth. *Mujeres Libres: anarquismo e feminismo na Revolução Espanhola*. RAGO, Margareth; BIAJOLI, Maria Clara Pivato. *Mujeres Libre da Espanha: documentos da Revolução Espanhola*. São Paulo: Terra Livre, Editorial Eleuterio, 2017.

RECLUS, Élisée; KROPOTKIN, Piotr. *Escritos sobre Educação e Geografia*. São Paulo: Terra Livre, 2011.

RODRIGUES, Edgar. Maria Lacerda de Moura. RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários*. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993, p. 67-91.

STEINER, Anne. Les militantes anarchists individualists: des femmes libres à la Belle Époque. *Revue de civilisation contemporaine Europes/Amériques*, n. 8. 1 set. 2008. Disponível em: <file:///E:/Meus%20Documentos/MARGARETH%20RAGO%20obras/Anne%20Steiner%20anarquismo%20individualista.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SILVA, Rodrigo Rosa. Levantamento preliminar da presença feminina na Escola Moderna de Barcelona. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 7., 2021, Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2021. Disponível em: https://9debdde1-d6b5-40a3-96a5-98c689233f26.filesusr.com/ugd/457817_5ffe59ba00a54e14aab5de37331ca525.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

Recebido em 2021-10-16
Publicado em 2022-05-01